

encarte especial

História da Fundação da Adusp

Entrevista

Alberto Luiz da Rocha Barros

Crodowaldo Pavan

Domingos Valente

Erasmio Garcia Mendes

José Jeremias de Oliveira Filho

Simão Mathias

Organizador: Shozo Motoyama

APRESENTAÇÃO

No dia 5 de maio de 1983, o professor e historiador **Shozo Motoyama**, do Departamento de História da USP, reuniu, numa mesa-redonda, seis docentes que contribuíram decisivamente para o fortalecimento da Associação de Auxiliares de Ensino (1956/1976) e para a criação da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo. **Alberto Luiz da Rocha Barros, Crodowaldo Pavan, Domingos Valente, Erasmo Garcia Mendes, José Jeremias de Oliveira Filho e Simão Mathias** contaram de forma franca, e ao mesmo tempo descontraída, os percalços de se unir – reunir – na USP durante o regime de exceção implantado no país com o golpe de 64. Publicado originalmente na forma de entrevista pela **Revista Ciência e Cultura**, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em março de 1984, o “bate-papo” transformou-se num momento histórico que retrata os caminhos seguidos pelos professores da USP até chegar à fundação da Adusp. Em função deste caráter, e do muito que a entrevista contribui para resgatar a história do Movimento Docente na USP, a atual diretoria da Adusp optou por reeditá-la, com autorização do professor Shozo Motoyama, e encartá-la na edição que comemora os 20 anos da Entidade. Para retratar com fidelidade o clima da entrevista, optamos por manter as características adotadas pelo professor Shozo e pelos editores da **Revista Ciência e Cultura**.

Shozo Motoyama - Inicialmente eu gostaria de saber um pouco sobre os antecedentes da Adusp. Se não me engano, anteriormente, havia uma associação chamada de Auxiliares de Ensino, não é mesmo?

Rocha Barros - No âmbito da USP, havia uma Associação de Auxiliares de Ensino, fundada em 1956, e o nome Auxiliar de Ensino englobava todos os professores não catedráticos. Como vocês estão lembrados, o regime antes da Reforma Universitária era o de cátedra. Então, pelo termo genérico auxiliares de ensino entendia-se diversas categorias docentes, excluindo-se os catedráticos. Um livre-docente, um assistente era genericamente chamado de auxiliar de ensino. Bem, essa entidade, fundada em 1956, teve como primeiro presidente o Alberto Carvalho da Silva. Era uma diretoria muito interessante com um conselho de representantes. E deste conselho de representantes fizeram parte alguns nomes muito conhecidos hoje em dia. Eu me lembro que participavam o Fernando Henrique Cardoso, pela Faculdade de Filosofia, o Delfim Netto, pela Faculdade de Economia e Administração, o Ernesto Glesbrecht e uma série de outros nomes muito interessantes. Bem, de qualquer forma, essa entidade começou a funcionar em 56 e teve um papel muito importante, inclusive participando da fundação da Fapesp. Mas, devido à situação política reinante, essa Associação de Auxiliares de Ensino, a partir de 1964, começou a entrar em colapso.

Erasmio Mendes - Em 1964, a situação ficou, como todo mundo sabe, muito séria. E essa Associação de Auxiliares de Ensino deixou de ser apenas uma associação empenhada em reivindicação salarial para se tornar, sobretudo, numa associação alerta com relação aos perigos que alguns docentes passaram a correr por terem sido acusados de atividades contrárias à situação que então se instalava. Nessas circunstâncias, a Associação teve reuniões muito acaloradas para a renovação de sua diretoria que se retirava naquele momento e eu fui escolhido como presidente para o biênio seguinte, que era um biênio naquele tempo, numa base quase conciliatória. Gregos e troianos achavam que eu seria um bom presidente porque eu estava equidistante das partes altamente empenhadas a favor ou contra o movimento que então se instalava. Nessas circunstâncias fui nomeado presidente da Associação para o Conselho Universitário, como representante dos professores auxiliares de ensino da Universidade de São Paulo. Lá eu tive, então, oportunidade de ser fiel à Associação e defender os nossos elementos que estavam ameaçados de punições e até de prisão. O problema mais grave durante a minha gestão foi o problema da repressão. A repressão que nos forçou a ir, inclusive, ao Rio de Janeiro, em comissão geral de inquérito e ficar alerta para o perigo em que incorreram muitos professores. Esse foi o problema que talvez fosse o mais sério. Fazia com que a Associação se reunisse freqüentemente, expedisse comunicados, se manifestasse a respeito das arbitrariedades e coisas desse tipo. Outro problema que surgiu nessa ocasião foi o da Reforma

Universitária. Esse problema foi de tal monta e aí foi que a Associação começou a despertar a atenção da parte dos poderes da USP. Por exemplo, por ocasião da constituição da Comissão que iniciou a reorganização da USP, o então reitor Gama e Silva convidou a mim como membro da Associação de Auxiliares de Ensino para fazer parte. Uma concessão que ele fez e eu pude levar então, à viva voz, a opinião dos auxiliares de ensino às reuniões convocadas.

Shozo Motoyama - Ótimo. Aliás, sobre o problema da Reforma Universitária o senhor poderia me dizer mais alguma coisa?

Erasmio Mendes - Eu poderia dizer que ela foi inteiramente frustrada porque a Comissão que elaborou um pequeno opúsculo teve frustradas as suas idéias. Mas essa comissão era uma comissão muito heterogênea. Dela faziam parte pessoas que achavam que a velha estrutura estava muito boa, que a nova estrutura iria atingir inclusive os vetustos casarões de João Mendes, Paula Souza e Arnaldo Vieira de Carvalho. Essas seriam instituições sacrossantas que deveriam se manter intocadas. Essas pessoas queriam participar da Reforma, tanto que aceitaram fazer parte de uma comissão de reestruturação, mas estavam totalmente inibidas, porque, se dessa Reforma resultasse uma alteração na estrutura das faculdades clássicas da universidade, elas iriam sofrer críticas nas suas próprias congregações. Então, dentro de tudo isso, é que essa Reforma fracassou totalmente. Essa Reforma acabou sendo uma colcha de retalhos em que privilégios foram mantidos, as cátedras ou disciplinas foram reunidas em edifícios comuns, viraram aquilo que o professor Alberto chama de condomínios de cátedras. São condomínios, não são uma comunidade. Essa reforma a nosso ver foi inteiramente frustrada.

Domingos Valente - Pior que havia professores que não queriam passar para os institutos. Mudaram o nome das suas disciplinas para ficarem nas suas faculdades. Então, nós temos aí uma mesma disciplina, fazendo parte de vários institutos.

Erasmio Mendes - Até hoje, certas faculdades, certas escolas não se conformam com o fato das matérias básicas de seus cursos profissionalizantes deixarem de ser ministradas pelos seus próprios docentes. Foram anos árduos esses anos de 64, 65, 66 e 67, quando houve um período de renovação da Associação. Ninguém quis se candidatar quando convoquei as eleições e, quando houve eleição, até fui reeleito, mas depois eu senti que não devia continuar mais. Então, propusemos uma nova eleição e o candidato que se apresentou foi o professor Hirondele, de ciências econômicas, que assumiu a presidência e o professor Domingos ficou vice-presidente. Mas o professor Hirondele enfeixou todos os poderes e, depois disso, não se ouviu mais falar da Associação de Auxiliares de Ensino. Assim, ela morreu, e morreu de morte ingloriosa, porque toda a associação que tem estatutos tem uma morte oficial e isso não aconteceu. De qualquer modo, todo conjunto docente da USP ficou órfão em termos de associação.

Rocha Barros - Mais ou menos nessa ocasião, foi fundada uma associação mais ampla que era chamada Associação Paulista de Professores do Ensino Superior, a APES. Essa Associação, a APES, englobava todos os professores da Universidade do Estado de São Paulo. Não só da USP, mas também da PUC e de outras faculdades privadas. E foi muito interessante. Até meu pai participou da fundação e foi patrono dessa entidade. Teve como 1º presidente um professor da Faculdade de Direito, o Cesarino Jr. e um conselho que era muito grande, um conselho de representantes muito interessante. Desse conselho faziam parte, Simão Mathias, Mário Schenberg, César Lattes, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Duarte, Gofredo da Silva Telles... Vários nomes conhecidos da universidade faziam parte. Essa Associação, a seguir, teve como presidente, depois do Cesarino Jr., o Gofredo da Silva Telles, e naquela ocasião começou a incomodar as autoridades constituídas. Inclusive o Gofredo foi chamado a prestar depoimento no DOPS e na Faculdade de Direito. O próprio Gama e Silva que era então o ministro da Justiça o chamou ao seu gabinete e disse ao Gofredo que essa associação já estava preocupando o governo. Vocês sabem que naquela época havia já um período autoritário muito severo, por volta de 68. Quer dizer, a Associação foi fundada em 68, e, em 69, veio o AI-5. De forma que ela teve a duração de praticamente dois anos. Após o AI-5 ela praticamente entrou em colapso exatamente porque o presidente Gofredo da Silva Telles sofreu essas pressões. Mas o fato é que essas coisas germinariam depois, pois deixaram rastro.

Crodowaldo Pavan - Só um parêntese aqui. Nesse tempo houve inclusive circulares querendo criar uma espécie de Associação Brasileira de Professores Universitários. Parece que não vingou.

Rocha Barros - É, esses professores que estavam agrupados na Associação Paulista do Ensino Superior, a APES, pretendiam fazer uma entidade de âmbito nacional. Mas, como eu estava dizendo, depois do AI-5 a coisa entrou em colapso. Quer dizer, ela começou em 68, funcionou mais um ano e em 70 já estava praticamente extinta e passou o período Médici sem nenhuma atividade associativa de professores.

Erasmus Mendes - Eis porque, na Reforma Universitária, um grupo de professores, entre os quais está o professor Valente, pensou em recriar uma Associação de Docentes, não mais auxiliares de ensino. Quer dizer, foi uma espécie de metamorfose. A Associação de Auxiliares de Ensino se metamorfoseou numa associação mais ampla ao tornar-se na Associação dos Docentes.

Rocha Barros - Em 1975 houve um fato novo que causou um impacto entre os professores universitários, particularmente entre os professores da Universidade de São Paulo. Foi a morte do Wladimir Herzog; vocês estão lembrados. Naquela ocasião, vários professores tentaram tomar uma posição dentro daquele absurdo, porque afinal de contas o próprio Wladimir era professor da USP. E se sentiram atingidos no que ocorreu a ele. Então, houve movimento de solidariedade, de protestos pela

morte dele, de toda aquela situação política. Alguns professores da física e de outras áreas entregaram inclusive uma nota de protesto à Reitoria da USP. Eu me lembro que essa nota foi entregue por uma comissão de professores da qual faziam parte o Antonio Candido, o Dalmo de Abreu Dallari, aquele professor do Departamento de Ciências Sociais, Juarez Rubens Brandão Lopes. A nota foi protocolada pelo reitor, que naquela ocasião que era o Paiva, e começaram os primeiros contatos.

José Jeremias - No Saguão da Faculdade de Filosofia, na Congregação que ia apreciar um documento dos professores sobre a morte do Wladimir Herzog, começamos a discutir a Adusp, aliás não era a Adusp, era a Associação de Professores.

Rocha Barros - É, o Jeremias se propôs a se informar como é que era a associação antiga, se não era interessante a gente reativar a associação ou criar uma nova associação. E começamos, então, a imaginar como é que seria uma associação de docentes universitários. Aí nós procuramos o Erasmo e o Domingos. Isso se deu em meados do ano de 1975.

Shozo Motoyama - O que eu gostaria de saber é o seguinte: você colocou toda uma série de fatos concretos. O que eu queria saber é como essa motivação concreta poderia se inserir no contexto geral da época, ou seja, se havia uma motivação de caráter mais geral.

Crodowaldo Pavan - Bem, foi um amadurecimento natural, a verdade é essa. O Herzog foi um fato que catalisou. Havia no contexto geral, uma necessidade de abertura. Outra coisa também, o governo estava perdendo muita força, aquela pressão exercida já não causava mais o mesmo temor anterior, o próprio governo já estava percebendo que aquilo não adiantava nada. Então, já não estava tão rigoroso como fora depois de 69.

Rocha Barros - É, já estava num outro período. Vocês estão lembrados que já era o governo Geisel. O Geisel, devido a revolta que havia na intelectualidade paulista, acabou afastando o Comandante do II Exército, o general Ednardo D'Ávila. O afastamento causou um impacto importante. Praticamente aqui marcou o início de um período de desafogo, pelo menos aqui em São Paulo. Também, como diz o Pavan, esse amadurecimento, esse novo posicionamento do governo Geisel, essa nova perspectiva política, permitiu aos docentes sentirem uma certa liberdade. Os contatos eram mais fáceis e então nós procuramos o Domingos e o Erasmo para saber como é que estava a Associação de Auxiliares de Ensino, pois ela não estava extinta como sociedade de direito civil. O Domingos nos informou o seguinte: "Ah, eu sou o vice-presidente. Mas já devia ter abandonado o cargo há vários anos atrás, não é? O presidente é o professor Hironde S. Luder. Não convocou eleições para substituir a atual diretoria. Acho que a atual diretoria deve estar com o mandato estourado mas ela é ainda a diretoria". E conversa vai e conversa vem, o Erasmo começou também a participar. Eu queria saber onde estava o estatuto dessa Associação de Auxiliares de Ensino e nada de encontrá-lo.

Decorreu mais alguns meses até que o Erasmo, em conversa com o professor Alberto Carvalho e Silva, que tinha sido o primeiro presidente da Associação de Auxiliares de Ensino, disse que o Estatuto estava arquivado em tal cartório. Uma rua da qual esqueci o nome. Fui lá e consegui o Estatuto da antiga Associação de Auxiliares de Ensino, juntamente com a Ata de Fundação que conta essas coisas da reunião inicial. Bem, aí então, com o Jeremias também presente, resolvemos o seguinte: agora que houve a Reforma Universitária vamos adaptar a Associação de Auxiliares de Ensino à nova realidade universitária, pois agora não existe mais cátedra. Porque a antiga Associação de Auxiliares de Ensino era uma entidade, no fundo, não só para reivindicar salários para todo mundo, mas também para tentar uma defesa contra a prepotência dos catedráticos. Ela surge como a entidade que defende os docentes em termos de reivindicação salarial, mas também contra uma série de exageros das cátedras. Basicamente era isso.

Crodowaldo Pavan - Você está falando da Associação de Auxiliares de Ensino?

Rocha Barros - É. Então, num outro dia, procuramos o Domingos e o Erasmo, depois de conseguirmos o Estatuto. Aí nós quatro bolamos a seguinte coisa: seria mais interessante manter a continuidade, mas como havia uma realidade nova, então nós iríamos criar uma entidade que fosse de todos os docentes, incluindo os próprios titulares. Seria uma entidade de todos os docentes da USP. Deveria ser uma associação de docentes da USP. Deveria ser uma Adusp.

José Jeremias - Quem teve a idéia do nome foi Domingos Valente.

Domingos Valente - Bem, naquela ocasião, eu era vice-presidente da Associação de Auxiliares de Ensino.

Erasmo Mendes - Sim, porque o professor Hirondele não convocava as eleições.

Domingos Valente - Ficamos praticamente alguns anos assim. Na ocasião, disse ao professor Hirondele: acho que nós temos que mudar o nome da Associação, porque ele não se justifica mais depois dessa Reforma. Perguntei ainda ao professor Hirondele se havia uma possibilidade de convocar uma assembleia, a fim de que nós pudéssemos formar a associação dos docentes. E nessa ocasião fui procurado pelos professores Jeremias e Rocha Barros, que nos entusiasmaram bastante. Mas o Hirondele disse que não convinha fundar uma associação naquele momento. Então, eu disse que, se ele estava com receio e sem tempo, que passasse a presidência para mim. Naquele tempo ele estava ocupado com o Conselho Universitário e com a Comissão de Tempo Integral, dos quais fazia parte. Foi assim que nós convocamos publicamente pela imprensa uma assembleia geral da Associação dos Auxiliares de Ensino para discutirmos a Fundação da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo. E, assim, eu não me lembro bem a data, foi feita uma assembleia com grande entusiasmo no anfiteatro das convenções. O professor Paiva, que

era reitor, deu apoio. Também o professor Eurípedes Simões de Paula, na ocasião, achou que uma associação que representasse a nossa classe seria ótima. E fizemos, então, uma reunião no salão das convenções, ali na Reitoria da Universidade. Dessa reunião surgiu a primeira diretoria provisória. A assembleia aprovou a indicação para a presidência o professor Pavan; eu fiquei na 1ª vice-presidência; o Mathias ficou na 2ª vice-presidência. Nós tivemos o apoio das várias faculdades da USP. Eu penso que dessa forma foi que surgiu a Adusp. Nós fizemos umas alterações no Estatuto conforme essa diretoria provisória. Após oito meses, foi eleita, estatutariamente, uma nova diretoria que dirigiu o primeiro biênio.

Rocha Barros - Estabeleceria dessa forma uma continuidade, mas uma continuidade com um salto qualitativo.

Shozo Motoyama - Eu gostaria de fazer uma pergunta relativamente óbvia, mas que tem um certo sentido. Por que vocês queriam manter essa continuidade e não fundar uma coisa inteiramente nova?

Rocha Barros - Porque a Associação de Auxiliares de Ensino tinha várias tradições boas. Tinha tido também professores muito ilustres na sua direção.

Crodowaldo Pavan - Porque tinha tido atuações interessantes.

Erasmo Mendes - Essa associação teve um papel preponderantíssimo na criação da Fapesp. Foi ela que exigiu de uma certa maneira, através de gestões feitas entre deputados, que fosse regulamentada aquele percentual da Constituição que deveria ser doado à pesquisa, através de um tipo de fundação. Mas quem sabe se o professor Valente, aqui presente, poderia falar algumas coisas a respeito.

Domingos Valente - Tenho vaga idéia que naquela ocasião o Alberto Carvalho da Silva era presidente da nossa Associação. Então, com dificuldades para continuar as pesquisas, surgiu a idéia da Associação cobrar esse percentual que seria 0,5% do orçamento do Estado para auxiliar as pesquisas.

Erasmo Mendes - É preciso frisar que foi essa Associação que fez isso, não foi a Reitoria, nem a própria Universidade. Quer dizer, se hoje existe a Fapesp, ela se deve à movimentação dos seus auxiliares de ensino, não dos senhores do comando da época, que continuavam naquela inércia em que eles continuam atualmente.

Domingos Valente - Foi ótima essa criação da Fapesp porque nosso exemplo foi imitado em outros estados e surgiram várias fundações para auxiliar à pesquisa no Brasil.

Erasmo Mendes - Nesse sentido, o exemplo da criação da Adusp também foi importantíssimo. Foi ela que despertou em outras Universidades...

Shozo Motoyama - Eu queria, como historiador de ciências, saber da forma mais concreta possível como é que foram as démarches para a fundação e concretização da Fapesp. Me parece que há um interesse muito grande.

Erasmo Mendes - Eu, para falar a verdade, não poderia entrar em pormenores a respeito. Para uma boa história dos aconteci-

mentos devem ser procuradas pessoas como o professor Alberto Carvalho e Silva, professor Piovesam, da então Faculdade de Higiene, e até pessoas que faleceram mas deixaram alguns escritos, por exemplo, o Professor Guilherme Lira, da Poli. Agora, eu devo dizer que a ocasião era extremamente propícia. Nós estávamos naquela ocasião em pleno governo Carvalho Pinto. Era um governo inteiramente aberto às questões universitárias. Eu tenho impressão que se tivesse sido um outro tipo de governador, essa medida não teria sido promulgada. A ocasião foi extremamente propícia.

Rocha Barros - Na concretização da Fapesp, pela Associação de Auxiliares de Ensino. Inclusive lembro a vocês que Alberto Carvalho da Silva foi o primeiro presidente da Associação de Auxiliares de Ensino, também foi, talvez, o principal criador da Fapesp. Foi um dos que mais trabalharam.

Crodowaldo Pavan - Ele teve grande influência, mas ele foi membro da Fapesp posteriormente. Sem dúvida nenhuma, o que teve maior influência na criação da Fapesp foi o José Reis, através da Folha, e apoiado totalmente pela Associação de Auxiliares de Ensino e pela SBPC.

Shozo Motoyama - Por outro lado, como foi o comportamento da imprensa, da sociedade civil, em relação a isso?

Erasmio Mendes - Eu tenho impressão que a fundação foi acolhida com simpatia. Era uma época de muita euforia porque esse governo, o do Carvalho Pinto, era o restinho do governo Juscelino Kubitschek e havia muita euforia, muito otimismo no país. Então a medida foi acolhida, mesmo porque o governo federal já vinha tentando fomentar a pesquisa neste país através do CNPq. Naquela ocasião, os organizadores da Fapesp tomaram o cuidado extremo de tornar esta Instituição, essa Fundação, numa coisa dirigida por cientistas com o mínimo de burocracia. Até hoje a política parece ser aquela de destinar somente 5% do dinheiro da Fapesp para a administração. O resto é realmente empregado em estímulo e fomento à pesquisa.

Domingos Valente - Eu devo lembrar uma coisa: na ocasião nós tivemos o apoio da imprensa, da Folha, através do Abraão Jagle. O Abraão Jagle fazia a cobertura das reuniões da SBPC e naquela ocasião me lembro que ele ajudou bastante a divulgação da fundação da Fapesp.

Rocha Barros - Bem, então isso foi realmente o que aconteceu. Em relação à Adusp, conseguimos um número de assinaturas razoáveis. Devem ter sido umas 100 assinaturas. Procuramos o Hironel que era da Comissão de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva. E na ocasião que procuramos Hironel até o Antônio Ferri participou de todas as reuniões. Então nós combinamos como proceder. Resolvemos fazer a primeira assembléia que foi no Anfiteatro das Convenções da USP. Curiosamente foi a primeira reunião de professores feita na USP após o AI-5. Foi em 19 de outubro de 1976 a primeira assembléia da Adusp, 20 anos após a Fundação da Associação de Auxiliares de Ensino. Ai...

José Jeremias - É preciso salientar que para montar a assembléia foi necessário trabalhar oito meses.

Domingos Valente - Exatamente, as reuniões eram sempre entre as pessoas já citadas, como o Erasmo, o Dr. Jeremias, o Dr. Rocha Barros, o professor Pavan, o professor Simão Mathias (o professor Simão Mathias estava entusiasmado), o Dr. Milton Campos, que foi o nosso tesoureiro. Ele era da Veterinária, agora está no Instituto de Ciências Biomédicas. E nós fizemos várias reuniões aqui na minha sala, neste local mesmo.

Erasmio Mendes - Quase que pode se dizer que a Associação dos Docentes nasceu na sala do professor Domingos.

Domingos Valente - Todas as tardes nos reuníamos aqui, depois das 17 horas. Sempre brigando com o Rocha Barros que chegava atrasado.

Erasmio Mendes - Na primeira assembléia houve um grande fluxo de professores e já começaram a surgir algumas divergências de opiniões.

Domingos Valente - Inclusive uma das divergências foi a de que o chefe de Departamento não podia fazer parte da diretoria, coisas assim.

Erasmio Mendes - Divergências que continuam hoje. Na minha opinião pessoal, consistem praticamente no seguinte: há uma facção de docentes que acha que a Associação deve estar sempre brigando com a Reitoria, ela deve ser de oposição sistemática, e uma outra facção que acha que a Reitoria nem sempre deve ser hostilizada.

Domingos Valente - Nós tínhamos até promessa do professor Paiva de uma sede em frente à Reitoria, onde está hoje a Farmácia. Essa decisão existiu desde o início.

Rocha Barros - E na primeira assembléia o professor Aziz Simão e o professor Castrucci, contactados, já estavam participando do processo de fundação da Adusp. O professor Pavan também já tinha sido contactado, já tinha participado de todas essas démarches e tinha bastante autoridade. Graças ao Pavan, a coisa sai, porque nós precisávamos de um professor de grande prestígio na presidência. E nós estávamos com alguma dificuldade. Então, o professor Aziz Simão pede por aclamação a aceitação da diretoria da Fundação.

Crodowaldo Pavan - Havia um temor muito grande. Muitos professores me telefonaram dizendo que eu estava fazendo besteira. Mas eu me lembro que nós fizemos muitas reuniões, lá na Veterinária, na Parasitologia, com o Milton Campos.

José Jeremias - Ele cedeu a sala de Parasitologia, fizemos várias reuniões. Arranjou a sala. No Departamento de Milton Campos, nos reunimos na Parasitologia.

Shozo Motoyama - É interessante, no entanto, que os oponentes aceitaram essa diretoria provisória.

Erasmio Mendes - Eles não podiam deixar de aceitar porque sem ela a Adusp não teria existido. A diretoria provisória foi quem fundou a Adusp. Os elementos que tinham esse tipo de atitude jamais teriam pensado em fundar a Adusp. Então eles foram obrigados a engolir pessoas com as quais não tinham concordância, quase.

José Jeremias - Foi muito importante também a atuação do professor Aziz Simão. A partir do núcleo inicial, vários professores expressivos da Universidade foram-se anexando nesse núcleo inicial. Então, a entidade foi criando importância, porque a maioria dos professores contactados no início, inclusive as pessoas que até tinham posições oficialmente progressistas na Faculdade de Filosofia, foram muito reticentes em relação à fundação da entidade. Reticentes, contrários; alguns recomendavam, inclusive, que se aguardasse bastante. Mas muitos professores acabaram aderindo, inclusive o Antonio Candido. O grupo inicial de organização já estava montado lá na Parasitologia: o Domingos Valente, Erasmo, Rocha, Pavan, Milton Santos Campos, Simão Mathias; participou também, no finalzinho, Carolina M. Bori, e quem mais...

Crodowaldo Pavan - E depois de fundado, nós usamos o Dallari como o assessor jurídico.

José Jeremias - Eu estava participando também. Alguns professores participavam de uma reunião e não participavam noutra. Foi o grupo citado que levou a idéia à frente, tendo-se constituído na primeira diretoria. O Aziz Simão, na assembléia de fundação, 19 de outubro de 1976, indica esse grupo, esse núcleo formador da entidade. Mandato que seria de três meses, prorrogado depois para oito meses. Até a organização da primeira eleição o mandato foi de oito meses.

Rocha Barros - A diretoria era constituída de: presidente — Crodowaldo Pavan; 1.º vice — professor Domingos Valente, da Biociências; 2.º vice — professor Simão Mathias, químico do Departamento de História; 1.º secretário — eu, do Instituto de Física; Alberto da Rocha Barros; 2.º secretário — professor José Jeremias de Oliveira Filho, do Departamento de Ciências Sociais; 1.º tesoureiro — professor Milton Santos Campos, de Ciências Biomédicas; 2.º tesoureiro, Carolina M. Bori, da Psicologia. O Dallari, a convite nosso, se agregou à entidade muito tempo depois. Então se constitui essa primeira diretoria da fundação, que tem um mandato curto, o qual tinha por objetivo implantar a entidade. Como havia grande temor, é importante que se diga isso, o papel do Pavan, que é nome de prestígio, foi enorme e como vocês vêem outros grandes nomes também compuseram a primeira diretoria, como o professor Domingos Valente, como o professor Simão Mathias, como a professora Carolina M. Bori, que na ocasião era secretária geral da SBPC. De modo que, com isso, imediatamente os professores que já estavam mais ou menos inclinados à associação deste tipo, aderiram em massa. De forma que, terminados os oito meses de nosso mandato, tínhamos da ordem de dois mil associados. Compare-se este com o número de associados de hoje, 1982, por volta de 3.300 associados. Então, vocês vêem que houve realmente uma adesão assim em massa. Eu acredito que era uma aspiração da Universidade de São Paulo ter essa associação, mas também a confiabilidade dos nomes de professores como Crodowaldo Pavan, Simão Mathias...

Crodowaldo Pavan - Não, o que foi importante é que nós

levantamos uma bandeira que foi a meu ver muito simpática. Porque nós não estávamos defendendo só salários. Nós tínhamos um programa que, por acaso, o salário também constou como parte, até parte muito importante. Mas o programa tinha um ideal muito maior. Tinha um programa no qual realmente a idéia central era a integração das várias áreas da Universidade. Era muito importante. Nós estávamos tentando fazer uma coisa para colaborar com o Conselho Universitário. Nós achamos que, como uma entidade independente, nós podíamos fazer muito mais por várias áreas da Universidade do que o próprio Conselho Universitário. E realmente houve uma aceitação bastante grande e a coisa funcionou de uma maneira...

Rocha Barros - Porque os professores não se conheciam. Havia uma espécie de atomização da vida universitária e o Pavan insistia muito nessa necessidade das pessoas se conhecerem, em fazer essa integração universitária. Nós sempre insistimos que a Adusp teria três características básicas: a de ser 1) uma entidade cultural; 2) uma entidade de integração docente e 3) uma entidade de reivindicação docente. Então, essas três características básicas vão orientar a vida da Adusp, e estão orientando ainda nos dias de hoje.

José Jeremias - Estas idéias estavam na ficha de inscrição, na forma de miniprograma. As linhas básicas eram: integração docente, promoção científico/cultural, eventualmente também funções sindicais, mas não de sindicato. Então era integração docente.

Rocha Barros - É preciso dizer que a Adusp foi a primeira entidade que, ao ser criada, imediatamente teve repercussão nacional. Mas haviam outras entidades também.

Crodowaldo Pavan - Entidades com expressão sobre a opinião pública foi a Adusp e depois veio, a seguir, por exemplo, a Adunicamp e outras.

José Jeremias - Hoje existem 87, por volta de 87 entidades do tipo Adusp.

Crodowaldo Pavan - Parece que antes da Adusp existiam outras, mas sem qualquer expressão, quer dizer, sem muita expressão. Era uma coisa muito interna, dentro de um círculo muito limitado.

Rocha Barros - É, curiosamente elas não tinham expressão. Inclusive havia uma tentativa bem anterior que nos foi comunicada pelo professor Eurípedes Simões de Paula. Quando nós contactamos o Eurípedes ele se entusiasmou imediatamente pela Adusp.

Shozo Motoyama - Vocês entraram em contacto quando?

Rocha Barros - Quando era diretor da Faculdade de Filosofia. Inclusive esse contacto foi feito basicamente...

José Jeremias - Foi a primeira pessoa da cúpula da Universidade a se entusiasmar pela coisa.

Rocha Barros - Deu apoio imediato. Se associou e os contatos foram feitos imediatamente por Domingos Valente. Ele forneceu meios materiais, ele botou a gráfica da Faculdade de Filosofia, se prontificou a editar o nosso...

Shozo Motoyama - A diretoria já tinha sido montada?

Rocha Barros - A diretoria já tinha sido montada. Domingos Valente, inclusive, procurou Eurípedes Simões de Paula para imprimir o convite aos professores da Universidade de São Paulo para aderirem à Adusp. Nesse convite havia um miniprograma com os nomes dos diretores, era uma ficha de inscrição, era um convite seguido de uma apresentação do miniprograma com os nomes da diretoria e a ficha de adesão. Nós achamos que o negócio, assim, compacto, dava uma orientação boa. E o Eurípedes se prontificou a imprimir os convites na gráfica da Faculdade de Filosofia. Naquela ocasião ele procurou e até entregou um estatuto de uma antiga Associação de Auxiliares de Ensino que havia na USP. Se não me engano, tentou-se formar essa associação em 1936 e parece que a pessoa que se entusiasmou por essa associação foi o Jorge Americano, que, na ocasião, não sei se era reitor. Eu não sei em que ocasião o Jorge Americano foi reitor da USP.

Simão Mathias - Eu tenho lembrança que quando voltei dos EUA, em 1944, fui visitar o Jorge Americano como reitor.

Crodowaldo Pavan - É, tem razão, em 43 o Dobhanski esteve aqui e ele ganhou *honoris causa*, e quem lhe deu foi o Jorge Americano como reitor e o Zeferino fez o discurso. Foi em 1943.

Rocha Barros - Eu tenho o estatuto que o Eurípedes me deu. O Eurípedes foi procurar o estatuto nas coisas dele e disse: "olha tem uma associação aqui que não chegou a vingar, começou-se a gestar a sua formação, elaborou-se o estatuto, mas parece que não deu em nada." E aí eu perguntei quem foi que patrocinou essa associação e ele disse: "foi o Jorge Americano". Agora não sei se naquela ocasião ele era professor da faculdade, diretor ou reitor, mas o fato é que Americano estava muito interessado na associação. Eu não sei se os estatutos foram feitos pelo próprio Jorge Americano. Então seria uma coisa interessante talvez verificar. Eu tenho arquivado, vou trazer para vocês verem e... A gente pode dar esse depoimento aí. Foi curioso porque o Eurípedes se empenhou em descobrir, já que estávamos preocupados em fazer um estatuto; então ele lembrou do nome da Associação de Auxiliares de Ensino. "Olha, tem um estatuto aqui na época que eu era formado professor, que era uma associação assim, assim, assado"; e se empenhou e acabou descobrindo e me deu o estatuto dessa associação.

José Jeremias - Bem, o professor Eurípedes teve um papel importante no Conselho Universitário em defesa da Adusp, porque sempre fez defesa formal da Adusp, inclusive chamavam-no, de brincadeira, de o homem da Adusp, no Conselho Universitário. Ele não só deu apoio à entidade na época em que foi constituída, mas também passava toda documentação que tinha acesso no Conselho Universitário. Foi importante porque ele era um defensor da entidade, publicamente, na época em que muitos professores tinham recebido inclusive de aderirem à entidade. A atitude dele influenciou muito; inclui-

ve, nós tínhamos naquela época quase 30 dos 32 diretores de unidade da Adusp. Auxiliares de ensino a titulares, todas as categorias de professores aderiram à entidade.

Rocha Barros - Estou lembrado, não sei se isso aconteceu com você ou com Domingos. Que um de vocês dois foi à Faculdade de Saúde Pública e disse que iria haver uma assembléia. Era a primeira assembléia, de 19 de outubro de 1976. E, na ocasião, quando conversaram, procurando trazer mais professores para essa assembléia, para se filiarem à Adusp, um deles disse: "vocês vão usar esse nome de assembléia? Talvez isso seja muito radical, talvez o governo não goste disto". Nós até achamos graça, pois o nome de assembléia pode ser usado para muitas coisas tais como assembléia de xadrez, assembléia de Deus, que é uma organização religiosa etc. Portanto, ele estava com medo do nome, do nome "assembléia". De forma que consigne-se o fato de Pavan, de peito aberto, ter assumido a presidência e de ter tocado a entidade para frente.

Crodowaldo Pavan - Outra coisa que gostaria de deixar registrado, é o fato que naquela ocasião eu me encontrava numa posição muito cômoda. Eu disse, logo no início, que não aceitaria a reeleição, porque estava com medo de fazer um negócio de panela. Se o primeiro presidente fosse novamente candidato, haveria uma grande chance de continuar no cargo. Então, como eu tinha decidido que não seria candidato à reeleição, estava numa posição muito cômoda. Isto me dava inteira liberdade de posicionar de uma forma democrática em relação aos outros. Também não me preocupei muito com as eleições. Talvez isso tenha sido um erro, porque nós perdemos. Nós não estávamos interessados muito na política, mas muito na integração da Universidade. Isso deu certo e a Adusp teve realmente uma fase formidável. Nós tínhamos até cotação no Palácio do Governo...

José Jeremias - Quero lembrar o seguinte: embora em 76 começasse a reorganizar a sociedade civil e um programa de abertura começasse a ser gestado, nós éramos evitados por muitos colegas enquanto estávamos trabalhando duro para constituir a Adusp. E era gente até considerada progressista. Por isso é importante assinalar que a presença de professores de grande projeção e cientistas de renome deu um respaldo, uma seriedade, à entidade. Isso fez que ela adquirisse, de pronto, uma confiabilidade. Assim, ela conseguiu a adesão maciça de cerca de dois mil professores em oito meses. Por outro lado, o nosso colega, Waldemar Safiotti, correu o interior do Estado na mesma época, na Unesp, para fundar a primeira entidade do gênero: a Adunesp. Tornou-se o seu primeiro presidente. Fez um trabalho fantástico. Mas a primeira entidade que adquiriu realmente projeção na sociedade, que marcou uma presença forte, foi a Adusp. Por isso ela passou a ser modelo de entidade docente no país.

Rocha Barros - Quero fazer uma observação: apesar de ter sido fundada depois, a gestão da Adusp iniciou-se antes da gestão da Adunesp.

José Jeremias - Eles fundaram mais rapidamente que nós, mas em compensação não conseguiram ter a estrutura que nós conseguimos ter em tão pouco tempo.

Crodowaldo Pavan - Nós chegamos a receber um convite para depor lá na assembléia, lembra-se? Era para depor numa Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os problemas da Universidade.

José Jeremias - Nessa Comissão, o Pavan fez algumas declarações que deixaram o reitor assustadíssimo. Por exemplo, ele disse que a Fundusp deveria ser extinta.

Crodowaldo Pavan - Ainda hoje continuo achando que deve ser extinta.

Rocha Barros - Naquela ocasião causou um impacto...

José Jeremias - É. Causou um impacto na opinião pública. Aliás, os veículos de comunicação de massa já davam, naquela época, cobertura à Adusp. Inclusive o Estadão dava cobertura, depois silenciou durante muitos anos, para voltar a noticiar sobre a nossa entidade a partir do ano passado.

Crodowaldo Pavan - O interessante é que o Estadão aceitou a nossa linha, a nossa diretriz. Embora tenha gente lá que não goste de nós, o Estadão manteve essa posição.

José Jeremias - Era uma linha bem ampla e democrática, uma frente ampla e democrática. Era um espaço democrático que abríamos na Universidade. A Adusp foi a entidade que quebrou o gelo da ditadura no meio universitário. Foi a primeira entidade que abriu um espaço democrático para todas as correntes políticas, a todas as tendências sem que admitisse, em nenhum momento, instrumentalização partidária. Ela se constituiu inicialmente como uma entidade não partidária, uma entidade cultural. Acho que hoje ela é uma entidade política, com um sentido político, inclusive pelo fato de ser um elemento de destaque, de projeção em todo o Estado e mesmo fora dele. Assim ela foi se politizando, chegando mesmo, num certo momento, a ter uma politização negativa. Segundo Antonio Candido, a entidade teria uma fase de formação, uma segunda de projeção, e, finalmente, uma terceira de consolidação. Mas na verdade não aconteceu como o Antonio Candido estava preconizando, porque essas fases misturaram-se desde a fundação da entidade. Já a primeira diretoria, a diretoria pioneira, marcou toda uma linha de atuação seguida até hoje. Toda vez que a Adusp tentou desviar dessa linha, ela se deteriorou, ameaçando desintegrar-se, provocando até um rebaixamento de convivência humana na Universidade. E, durante um certo tempo, decaiu a sua influência frente aos professores, frente ao Estado e à sociedade. Mas, voltando ao início, ela nasceu numa época muito curiosa. Lembro-me que fomos à reitoria, assim que a primeira diretoria tomou posse. Pavan marcou um prazo e disse para nós comparecermos à reitoria. Naquela ocasião o reitor era Orlando Marques de Paiva. Nós chegamos lá e o Pavan disse ao chefe do gabinete que a entrevista tinha de ser naquele momento. O chefe do gabinete retrucou dizendo que não seria possível. Então o Pavan disse: "Eu vou entrar". E

entrou mesmo. Daí para frente, nós arrombamos as quatro antessalas da reitoria e o reitor deixou de ser uma princesa prisioneira no castelo e passou a conversar com os dragões.

Rocha Barros - Inclusive ele se associou à Adusp.

José Jeremias - Nesse episódio a Adusp conseguiu abrir um canal de comunicação entre a reitoria e a comunidade universitária. No fundo, quebrou o isolamento do reitor. O próprio reitor reconheceu isso. Depois disso, sempre houve um bom relacionamento entre a Adusp e a reitoria. Quando do atrito entre o governador Paulo Egydio e o reitor Orlando Marques, a Adusp é que serviu de intermediária para salvar a posição da Universidade perante o Governo de Estado. Ela é que levava e trazia as reivindicações.

Crodowaldo Pavan - Até recebemos do Palácio a seguinte informação: "venham professores como esse, que nós sempre conversaremos com vocês". Mas aqueles outros, não se abrem, nem discutem os problemas da Universidade com a gente.

José Jeremias - Nós representávamos melhor, naquela época, a Universidade do que a reitoria. O próprio governo do Estado reconheceu isso. E dialogava conosco. Nós éramos os interlocutores para discutir os problemas da Universidade. Isso foi um momento importante porque preservou as relações da Universidade. Isto é, ajudou na defesa dos interesses da Universidade. Embora a deterioração salarial fosse muito violenta, eu acredito que a própria presença da Adusp ajudou a impedir uma queda ainda maior. Mas o passo mais importante, e isso mais sensível nas áreas de ciências humanas e sociais, foi a mudança de clima no ambiente de pesquisa científica. Havia todo um clima de repressão e de timidez intelectual em função do AI-5, quer dizer, todo um esquema de repressão instituído no país, numa época de exceção e arbítrio. Isto prejudicava muito o ambiente de pesquisa, inibia as relações entre as pessoas nas universidades. Havia um clima fechado, um clima intransitável. A Adusp deu uma certa tranquilidade, um certo respaldo, no sentido de que havia agora uma entidade que cuidaria dos seus interesses, daria guardiã e lutaria para garantir a liberdade acadêmica sempre que ela fosse atingida. É verdade que, na prática, não tinha havido, na Universidade, interferência externa na pesquisa e no ensino. Ela conseguiu vencer o período do AI-5 sem interferência direta, a não ser muito pequena e em alguns momentos críticos. É claro que havia repressão, principalmente às pessoas que tinham vinculações com organizações clandestinas. Agora, o aspecto mais grave de repressão interna era a triagem ideológica na contratação dos professores. Os processos desses professores nem sequer chegavam às mãos dos candidatos, porque paravam naquilo que o professor Aziz Simão chamou de "Terceiro Estágio". Não saíam de um certo setor da reitoria, onde eram bloqueados. A nossa diretoria, a da primeira, teve uma posição muito firme em relação a isso. O Pavan foi pessoalmente à Reitoria e conseguiu, pela primeira vez, a contratação de um professor que tinha sido vítima de triagem ideológica. Na ver-

dade, a Adusp era uma espécie de anteparo para esses professores não serem prejudicados posteriormente na obtenção de outros empregos possíveis. Dessa forma, a Adusp conseguiu, pela primeira vez, furar o bloqueio e exigir que a reitoria contratasse o referido professor. Ela não levou ao público o problema, naquela época, porque o interessado não concordou. Mas, na prática, conseguiu resolver. Depois, conseguiu ainda a contratação de vários outros professores também sofrendo de triagem ideológica. Então, a Adusp conseguiu inibir um processo que estava se instalando na Universidade, que é a influência direta ou indireta na contratação de pessoal pela presença de Órgão de Segurança na USP. Nós sempre defendemos que os critérios tinham que ser científicos e culturais e não de ordem política ou de repressão. Essa defesa fundamental de liberdade acadêmica foi claramente assumida pela primeira diretoria da Adusp.

Crodowaldo Pavan - Diga-se de passagem, com total apoio do Paiva. Ele estava do nosso lado. Antes estava inibido por algumas razões. Não podia...

José Jeremias - O Paiva estava muito inibido. Mas com a nossa atitude, sentiu-se apoiado. Era um reitor liberal, foi um reitor que perdoou o AI-5 na Universidade, e soube receber a Adusp. Ficou muito contente em receber a Adusp. E a recebeu muito bem depois que nós rompemos as barreiras. Passamos, inclusive, a ter encontros periódicos nos quais defendemos os interesses dos professores da Universidade. Tínhamos discussões acirradas, mas dentro do maior respeito universitário. Ele se filiou à Adusp, passou a ser um associado. Também o vice-reitor da época, o Josué Camargo Mendes se filiou. No início, o Josué foi um pouco reticente, mas depois...

Rocha Barros - A reticência dele acabou no momento em que estávamos aguardando uma entrevista com o reitor. Nesse ínterim, sai do gabinete o reitor da Unicamp, o professor Zeferino Vaz, que eu conhecia. Imediatamente apresentei a ele a ficha de inscrição da Adusp. Ele olhou-a com certa suspeição e de repente disse: "oh! o Pavan é o presidente dessa entidade? Então não tenho dúvidas". E assinou de pronto.

José Jeremias - E ainda disse: "vamos fundar uma idêntica em Campinas".

Crodowaldo Pavan - Nós recebemos telefonemas de vários lugares querendo saber dos estatutos...

Erasmio Mendes - Eu queria analisar isso dentro do contexto da política nacional. Eu diria que as dificuldades que todas as associações, hoje em dia, tem para se constituir advém do fato do governo sempre ver nela um meio, um modo de contestação. E dado o fato de que não havia naquela época a abertura democrática que hoje dizem que há, qualquer associação era desde o início acoimada de contestadora.

Shozo Motoyama - Essa era a opinião da maioria dos docentes?

Erasmio Mendes - É. Nessa Universidade, como em toda sociedade, todo contingente de agrupamento humano, existe uma maioria desinteressada e uma minoria ativa nem sempre

perniciosamente ativa, pois ela pode ser até positivamente ativa, mas há um certo amorfismo por aí. De modo que eu não sei se a Adusp já conseguiu despertar nessa massa amorfa um certo traço de politização universitária, uma consciência da sua posição. Parece que a Adusp ainda não tem uma grande penetração nas massas, nem uma grande influência em suas ações. Ela ainda é tida pelos elementos mais conservadores como necessariamente contestadora por ter nascido numa época na qual a contestação era esperada. Realmente, quando eu deixei a Associação de Auxiliares de Ensino, foi naquele ano dramático de 1968; eu a deixei porque achava que estava exorbitando das minhas funções. Eu convocava as eleições e ninguém comparecia. No dia em que compareceu alguém, achei que não me deveria perpetuar e, senão dentro de uma ditadura, eu iria tornar-me um ditador na Associação. Evidentemente esse não era o meu desejo. Mas se eu tivesse dado conta de que a Associação praticamente iria morrer pela mudança da diretoria, como não havia nada que impedisse a minha reeleição, eu poderia ter sido reeleito e conservado o meu querido amigo Domingos Valente como vice-presidente. Nós teríamos escorado a situação como até então eu sustentara. A antiga Associação tinha como um dos objetivos máximos a reivindicação de bons salários, porque os nossos salários quase sempre estão defasados. Por outro lado, ela atuou decisivamente para a fundação da Fapesp. De modo que tinha duas preocupações: uma de ordem pessoal, traduzida em bons salários, e outra geral, universitária, criando a Fapesp para providenciar os recursos para a pesquisa. Mas um problema importante é saber porque a Associação de Auxiliares de Ensino esmoreceu depois da minha saída. É preciso lembrar que a situação na época do governo Médici era terrivelmente repressiva. Foram os piores anos, anos difíceis. Realmente, quem não tivesse muita vontade, e não tivesse vivo o espírito da Associação, esmorecia. Tanto é que ela custou a se reencontrar. Afinal, são oito anos de estagnação, pois a Adusp só foi fundada em 1976. É verdade que nesse meio tempo houve a Reforma Universitária que tirou o sentido da Associação de Auxiliares de Ensino. Até que se pensasse, tivesse o bom pensamento de fundar uma nova Associação, foram oito anos.

Shozo Motoyama - Aliás, esse é um ponto importante que gostaria de ouvir um pouco mais, inclusive o testemunho do professor Mathias. Parece muito compreensível que houvesse ainda naquela ocasião um medo generalizado, um medo que alcançava até pessoas conhecidas como progressistas. O papel desempenhado pelo grupo inicial, abrindo o processo da constituição da entidade, foi importantíssimo; porém, o apoio dado por cientistas de grande gabarito e renome, como os professores Pavan, Mathias, Antonio Candido, Aziz Simão e também o professor Eurípedes Simões de Paula, parece ter sido decisivo. Então, eu gostaria de ouvir, de um lado, o professor Pavan, porque aceitou um tal desafio quando a coisa ainda estava muito nebulosa. Evidentemente, hoje em dia, é muito fácil,

vido a coisa retrospectivamente, dizer que havia abertura, que não havia perigo. Mas, na época, para a maioria das pessoas, a situação política não estava muito clara, sendo necessária uma grande dose de coragem para assumir uma posição de liderança no processo de abertura. Gostaria de ouvir depois o professor Mathias.

Crodowaldo Pavan - Eu não acho que tenha sido uma questão de coragem ou não coragem. Existia no grupo que estava organizando a fundação um ambiente tão agradável, tão puro, defendendo princípios em que todos nós acreditávamos, que foi muito natural o nosso engajamento. De vez em quando, saíam coisas que na época foram consideradas arrojadas, mas eram todas perfeitamente naturais dentro do espírito da criação da entidade. É verdade que o pessoal tinha muito receio. Por exemplo, quando eu fiz aquele depoimento na Comissão de Inquérito da Assembléia, eu não disse absolutamente nada demais. Lendo aquilo hoje, parece até piada, não tinha nada que pudesse me colocar em má situação. Mas vocês devem estar lembrados, na saída alguns diziam que poderia dar enguiço, que poderia dar complicações etc. Recebi até telefonemas dizendo: “você está louco! Que besteira é essa?”, e outras recriminações. E, de vez em quando, o O Estado de S. Paulo também lascava umas frases de ataque e não sei mais o que. Mas acho que havia um ambiente propício, um contexto tão puro, um sentido de idealismo nas nossas ações muito claro, inclusive perante a comunidade. De modo que não foi necessário coragem nenhuma. Acho, isso sim, que a gente foi envolvida numa coisa muito simpática e se saiu muito bem.

Shozo Motoyama - Coloquei a questão de uma forma provocativa para ressaltar um pouco o ambiente da atuação. Mas, de qualquer modo, continuo convicto de que foi necessário uma certa coragem para deflagrar o processo e outra dose de coragem para apoiá-lo.

Crodowaldo Pavan - É. Mas a coisa estava muito boa. Nós estávamos numa fase gostosa de colaboração.

Simão Mathias - Bem, como diz o Pavan, não se tratou bem de coragem. Nós, que nos formamos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criamos um certo ideal de universidade, ideal esse que nos marca ainda hoje. De maneira que, desde 64, quando os professores da nossa universidade foram presos e cassados, a nossa atitude, a nossa maneira de proceder, veio de forma totalmente espontânea, porque nos sentimos pessoalmente feridos. Nós, que pusemos a nossa vida, os nossos ideais na Universidade, não poderíamos deixar de lutar por essa instituição. No momento em que ela começou a ficar periclitante, surgiu de um modo natural um movimento espontâneo de defesa dos seus ideais. Estes estavam tão arraigados dentro de nós mesmos que não pudemos deixar de fazê-lo. Quando veio o período de 68, 69, as pessoas como Pavan e eu só não fomos cassados por motivos fortuitos. O Pavan estava fora, nos Estados Unidos, e eu fiquei, sabendo, através do Antonio Candido, que o nome dele e o meu estavam na

segunda lista de cassações. Mas, devido à enorme repercussão da primeira lista, a coisa parou por aí. Em vista disso, passamos nós dois, Antonio Candido e eu, a nos considerarmos moralmente cassados.

Crodowaldo Pavan - Só um parênteses Mathias. Eu viajei depois da crise de 68. Eu passei toda a crise aqui. Infelizmente, tive o infortúnio de assistir uma porção de coisas horrorosas. Eu viajei no fim de 68. Antes, eu tinha passado fora os anos de 63 e 64, mas na época da coisa quente eu estava aqui.

Simão Mathias - Bom, o homem que tinha os mesmos ideais que os nossos era justamente o Eurípedes.

Crodowaldo Pavan - Ah! ele sempre foi do nosso grupo, fazia parte de uma coletividade que tinha os mesmos ideais.

Simão Mathias - É claro que cada um de nós tem uma maneira própria, pessoal, de agir. E ele tinha uma maneira bastante interessante, com aquela bonomia dele.

Crodowaldo Pavan - Eu acho o seguinte, ao falar do Eurípedes, ele podia ser fantástico em tudo, mas a grande qualidade do Eurípedes era a de ser uma pessoa boa. Isso, para mim, vale mais de qualquer outra qualidade — ele era humano, ele sabia sentir o próximo. Estou muito à vontade para dizer isso, porque eu brigava muito com o Eurípedes. Poucas pessoas brigavam com ele quanto eu. Numa reunião do CTA da antiga Faculdade de Filosofia ele chegou a dizer: “eu não quero mais você no CTA, você não vai ser mais membro do CTA”. E nunca mais eu fui membro do mesmo. Apesar disso, pessoalmente, nós nos dávamos muito bem. Quando ele disse que eu não seria membro do CTA, não é que ele tenha feito campanha contra mim, não, eu é que não servia mesmo para o CTA. De qualquer modo, nós brigávamos muito. Mas ele era um indivíduo que a gente precisa respeitar muito pelas suas qualidades humanas pela bondade em primeiro lugar. Para mim, essa qualidade extraordinária valia mais que qualquer outra coisa. Realmente, eu era amicíssimo do Eurípedes por ele ser bom. Ele tinha outras qualidades excepcionais, mas essa era a mais fabulosa para mim.

Simão Mathias - Perfeitamente. Ele era uma pessoa excepcional. E era também muito hábil. Sabia muito bem como contornar situações críticas. Tenho lembrança que muitas vezes eu ia à sala dele para discutir problemas dessas situações críticas, e as minhas opiniões nunca coincidiam com as dele. Ele sempre acabava me respondendo com uma frase. Não sei se o pessoal sabe, mas ele me chamava de quimicamente puro (risos).

Crodowaldo Pavan - Aliás, Mathias, uma classificação que coloca na posição real. Foi bem classificado, muito bom! (risos).

Simão Mathias - Mas foi uma longa convivência, porque fomos da primeira turma da Faculdade. De maneira que fomos amigos desde os bancos escolares, em 1935, até ele falecer.

José Jeremias - A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas representava, sobretudo, um resquício da antiga Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, que na época o profes-

sor Eurípedes passou a representar. Eu conhecia a USP através do Paulo Duarte. Foi ele que me abriu São Paulo. Percebi bem que a Faculdade de Filosofia era uma comunidade que lutava contra a deterioração, contra o regime a que estava submetida, que lutava para não se extinguir. O próprio reitor Orlando Marques de Paiva, em depoimento que fez a mim, numa certa vez, confessou que vários momentos, naquele mesmo momento em que estava se fundando a Adusp, ele tinha recebido pressões para extinguir a Faculdade de Filosofia, mas que ele resistiu às mesmas. Bom, o Eurípedes representava essa defesa da Faculdade. Ele representava essa defesa justamente pela representação que ele tinha em todos os setores da Universidade, pelo seu peso no cômputo geral da Universidade. Porque extinguir a Faculdade de Filosofia era de certa maneira extinguir Eurípedes, era atingi-lo violentamente. De fato, ele lutava com unhas e dentes pela faculdade, representava dentro dela um certo espírito de respeitabilidade, um espírito universitário. Ele enfrentou a burocratização da Universidade usando aquela bonomia, o informalismo, o bom humor. Então, ele estava por cima de todos, dos colegiados, das congregações, das portarias, das disposições, tentando ver as qualidades das coisas, o lado humano assinalado por Pavan. Ele resolvia da melhor maneira possível os problemas que os professores e funcionários apresentavam a ele. Era acima de tudo um diretor acessível e antiburocrático, um administrador em quem nós sentíamos um colega e amigo. Ele conseguia ser informal e antiburocrático mantendo a respeitabilidade. Essa era a característica da personalidade dele. Para mim, isso era fundamental para preservar um certo relacionamento humano que agora creio que perdeu, mas que foi preservado até certo momento. Para ser exato, ainda se preserva em alguns setores, felizmente não está de todo perdido. Em relação à fundação da Adusp, fui com Rocha Barros, num fim de tarde, comunicar a ele que nós estávamos reunidos na Biologia discutindo com um grupo de colegas a fundação de uma entidade de professores da Universidade. Estávamos veiculando a idéia para uma série de pessoas e ele foi uma das primeiras pessoas a ser contactada na Faculdade de Filosofia. Ele recebeu muito entusiasmado a idéia lembrando da sua antiga faculdade. Passou abertamente a ser um defensor da entidade no Conselho Universitário. Ele ajudou inclusive a quebrar um certo clima de animosidade, de atrito, de receio existente na faculdade. Também ele usou a fundação da Adusp como um exemplo. Logo após a fundação da Adusp, ele convocou uma assembléia geral. Na época do 477, ele convocou a segunda assembléia após o AI-5 — a primeira foi aquela da fundação da Adusp. Ele assinou a lista de 80 pessoas convocando a assembléia da Adusp, assumindo conosco a responsabilidade da mesma. Em seguida convoca uma segunda assembléia para discutir o problema da licenciatura curta, cuja implementação estava sendo tentada na época. Então, a Faculdade de Filosofia iniciou uma campanha contra a licenciatura curta. Ai ele assumiu o processo, participou da comissão que tinha sido montada para esse fim. Deu toda força para essa campanha que coincidiu com a

fundação da Adusp. Passou também a dar todo apoio ao desenvolvimento da entidade. Como Rocha citou, permitiu até a utilização da gráfica. Nós não tínhamos dinheiro. Nossa primeira publicação, com o miniprograma e a diretoria, foi impressa na Faculdade de Filosofia como uma oferta da gráfica. Eurípedes sempre acompanhou com entusiasmo a entidade. A presença dele foi muito importante no contexto da Faculdade de Filosofia e no contexto mais geral da Universidade. Penso que a Adusp foi bem fundada. Quero dizer, quando ela conseguiu logo de início adquirir confiabilidade de pessoas expressivas que representavam a melhor tradição na Universidade, nós sentimos que a entidade estava nascida, consolidada com a associação com o que havia de melhor na USP. Naquele momento aquilo era importante.

Crodowaldo Pavan - E nós tivemos também uma boa cobertura jornalística.

José Jeremias - Tivemos. Ela teve uma projeção exterior, tendo a cobertura do O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, da televisão e do rádio. Os deputados também se interessaram. O comparecimento do Pavan à Comissão Parlamentar de Inquérito foi importantíssimo. Aliás, foi o início de uma atitude mais corajosa de discussão pública dos problemas da Universidade de modo bem crítico. Na verdade havia um receio muito grande que nós fomos quebrando aos poucos. Outro aspecto fundamental refere-se ao fato dos professores estarem totalmente dispersos na época. A atuação da Adusp nesse aspecto, provavelmente, só poderá ser sentida a longo prazo, mas é fundamental. Quero dizer, no momento em que as pessoas estavam dispersas, desagregadas, com as relações humanas totalmente desagregadas, uma desconfiança generalizada pela falta de confiabilidade etc, a entidade começa a se bater naquela tecla de união e realizar na prática o conagraçamento docente. Isso influenciou a interdisciplinaridade, quero dizer, influenciou profundamente a produção científica e cultural da Universidade. É claro que isso só pode ser sentido depois de um certo prazo. Hoje convive nas assembléias da Adusp, nos conselhos de representantes, cientistas e intelectuais das mais variadas posições. Eu já participei de reuniões com pessoas que pesquisam as mesmas coisas em diferentes laboratórios que se encontram pela primeira vez e muitas delas com 20 anos de Universidade. Então, abriu-se o caminho para associar pesquisadores que estavam trabalhando isoladamente. A influência da Adusp nesse sentido de conagraçamento docente foi muito interessante. Inclusive serviu para gerar um novo clima de convívio nos departamentos. Os professores passaram a se conhecer. Houve uma mudança de qualidade nas relações das pessoas da Universidade.

Crodowaldo Pavan - Isso foi uma das bases do nosso programa.

Erasmio Mendes - Bom, o ponto que eu gostaria de destacar é o fato tanto da Adusp quanto da antiga Associação deverem muito aos docentes da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na realidade, eles foram criados dentro de

um espírito, a meu ver, verdadeiramente universitário, sem nenhuma tendência de só ficar fiel a uma faculdade por ser a *almamater*. É claro que também havia elementos eventuais de outras escolas, profissionalizantes, que estavam imbuídos desse espírito, mas não eram a regra. Isso mostra um pouco que a questão da gente se considerar universitário é uma questão importante e que é adquirida durante o seu curso universitário. Se a escola é, por razões históricas, muito personalizada, como a Escola Politécnica, as pessoas não ficam muito universitárias. O professor Paulo Duarte uma vez me disse que teve uma briga muito grande com o professor Camargo, da Escola Politécnica. O professor Garcez promoveu um encontro de reconciliação entre os dois. Eles se deram magnificamente bem. Numa certa altura, o professor Camargo disse ao Paulo Duarte uma coisa muito interessante. As palavras dele são as seguintes: “as nossas brigas são porque o senhor, Dr. Paulo, é um universitário, enquanto eu sou um *polytechnician*”. Eu acho essa briga muito representativa, exemplificando bem o fato da consciência nessa universidade de ser universitário não estar ainda permeando este ou aquele instituto.

Rocha Barros - Exatamente. Inclusive eu faço uma piada a respeito disso. Nós nos burocratizamos após a Reforma Universitária e nos tornamos são-franciscanos. Logo em seguida surge a Adusp que recria esse clima da Faculdade de Filosofia e nós nos marionetizamos, lembrando do famoso saguão da Faculdade de Filosofia sediado na rua Maria Antônia. É, a “Maria Antônia” tem grandes tradições no sentido universitário. Então passamos da atitude típica do Largo de São Francisco para a atitude típica da Maria Antônia com a Adusp. Isso fica consignado como uma piada (risos).

José Jeremias - Acho bom registrar que as duas primeiras pessoas da Faculdade de Filosofia a se entusiasmarem com a Adusp foram Aziz Simão e Eurípedes Simões de Paula. Na Faculdade de Filosofia, enquanto setores tidos inclusive como progressistas recuavam, até com grande receio, os dois se entusiasmaram com a idéia da entidade.

Shozo Motoyama - O pessoal progressista a que você está se referindo seria somente da área de ciências sociais ou abrangeira as outras áreas também?

José Jeremias - Não, de outras áreas também. Há muitas pessoas que até hoje não militam na Adusp e não deram em nenhum momento a sua contribuição à entidade. O importante é que a adesão dos dois na Faculdade de Filosofia foi muito importante. O Aziz foi de um entusiasmo muito grande. Foi à primeira assembléia de fundação e enfrentou-a. Levantou os nomes da primeira diretoria no momento em que um grupo de professores incapazes de entender o significado da entidade estavam propondo o adiamento da fundação. Ele enfrentou esses professores e disse de imediato: “não, temos que começar hoje”. Eram dois ou três professores que não estavam entendendo muito bem o significado dessa fundação. Não concordavam que fosse eleita uma diretoria imediatamente, propondo um

adiamento. Agora, se isso fosse feito aumentaria também os riscos para a formação da entidade. As pessoas que estavam participando da primeira diretoria da Adusp eram pessoas expressivas. Elas desempenhavam um papel importante na defesa dos direitos humanos, na defesa de liberdade intelectual, na defesa da democratização do país. Lá estava o presidente de honra da SBPC, o professor Simão Mathias, a então secretária-geral da mesma entidade, a professora Carolina M. Bori. A Academia de Ciências do Estado de São Paulo estava presente na pessoa do professor Pavan como primeiro presidente. Mais tarde tivemos também a presença da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo na pessoa do professor Dalmo Dallari, que passou a nos dar assessoria jurídica. Mais tarde, já na época da campanha eleitoral da formação das chapas para a diretoria, oito meses depois de fundada a entidade que o Antonio Candido já tinha dado apoio desde o saguão da Faculdade de Filosofia – na ocasião da morte de Herzog–, resolveu participar mais sistematicamente. O Douglas Teixeira Monteiro começou a participar também, além de alguns outros colegas.

Rocha Barros - O envolvimento com a Adusp, principalmente quando se faz parte da diretoria, é de tal forma absorvente que exige sacrifícios na tarefa de pesquisa e docência. Isso ocorreu desde o começo. O Pavan, por exemplo, no meio de uma reunião da Adusp, sendo feita no seu laboratório, entre uma olhada no microscópio e no estado da substância que colocava no mesmo, dizia: “temos de considerar isso, temos que fazer aquilo para a Adusp andar etc.” Depois, voltava para o microscópio, ajustava-o para examinar um determinado material. Quando a gente pensava que ele estava alheio à nossa discussão, de repente, ele parava de observar e entrevistava com argumentos inteligentes e oportunos (risos). Aliás, a diretoria tinha de se preocupar também com a imprensa, pois desde o início tivemos boa cobertura, principalmente da Folha de S. Paulo e do Estadão.

Shozo Motoyama - Como a imprensa é um meio de comunicação entre uma determinada entidade e a sociedade como um todo, gostaria de saber se foi a imprensa que procurou a Adusp ou o contrário?

Crodowaldo Pavan - Essa sua pergunta é muito interessante. Na verdade, nós vivíamos um período de transição. Na época poucos cientistas gostavam de falar qualquer coisa que não fosse da sua especialidade, quero dizer, eles só davam entrevistas sobre a sua especialidade. Falar sobre os assuntos do governo, falar sobre os assuntos da Universidade, falar sobre outros assuntos era uma espécie de tabu. Por outro lado, a sociedade reclamava por notícias da universidade diante dos novos tempos de abertura. Assim, quando a imprensa constatou que o pessoal da Adusp estava disposto a falar sobre os temas gerais, de acordo com um programa muito amplo que tinha se estabelecido, um grupo de repórteres explorou bem a matéria.

Shozo Motoyama - Acredito que, em linhas gerais, ficaram esclarecidas as circunstâncias históricas da fundação da Adusp na versão dos seus fundadores. Muito obrigado.